

CORPO DE DELITO

Pequeno e frágil

E tudo começa a ruir, já não é possível estar a tempo no aeroporto do Funchal, nem apanhar o táxi, menos ainda o almoço e a vista, e fumar nem pensar



Rui Patrício

Porto Santo, região autónoma da Madeira, Portugal, a meio de um dia de começo de Verão. Saí de Lisboa no avião de meio da manhã, que partiu – vá lá – quase à hora certa, apesar do habitual mau serviço em terra até estarmos dentro do avião. A inquirição de testemunhas, onde interviria, estava marcada para as 14h30 num tribunal da ilha da Madeira. Tudo combinado, tudo sob controlo. O avião aterraria, mais coisa menos coisa, entre o meio-dia e a uma, de táxi do aeroporto para lá são quarenta minutos, dava para almoçar ao lado do tribunal, com esplêndida vista sobre o Atlântico, fumar um pouco e estar no tribunal ainda antes da hora marcada para a chamada. Previdente, marcara o último voo da noite para regressar,

não fosse a coisa no tribunal estender-se. Voo tranquilo, aproximação à pista cerca das 12h40, “cabin crew prepare for landing”, ouve-se o trem de aterragem a sair do casulo.

Todavia, pouco depois o avião empina a parte da frente, deixa de se aproximar à pista e o comandante avisa que o mau tempo não permite aterrar no Funchal, é preciso rumar a Porto Santo (se houver lugar) ou às Canárias e esperar lá por melhores humores de São Pedro. E assim acontece. E tudo começa a ruir, já não é possível estar a tempo no aeroporto do Funchal, nem apanhar o táxi, menos ainda o almoço e a vista, e fumar nem pensar. Subitamente, por um capricho do clima, ficam expostas todas as fragilidades da vida moderna, assente nas virtudes da tecnologia, na rapidez, no controlo do espaço e do tempo à força de botões, cabos, combustíveis, comunicações, máquinas; e sobretudo na ilusão de que podemos, sempre, superar a nossa pequenez. Mas não podemos, e estas coisas são boas para nos colocar no lugar, para parar e pensar, nem que seja apenas no lapso de tempo entre uma contra-

riedade destas e o retomar da normalidade.

Desta vez, a ruína foi apenas parcial, porque falhou apenas o clima e a rota do avião não pôde cumprir-se. Em Porto Santo, uma vez na pista, as comunicações funcionavam, foi possível avisar o tribunal e, com a gentileza deste, resolver o problema, foi possível tranquilizar os clientes, tudo se compôs. Mas às vezes falham mais coisas, fica-se isolado, nem comunicações há, ou então não há boa vontade. E se tivesse acontecido o que me aconteceu há dias, na Covilhã, onde decidi reunir, jantar e pernoitar num hotel a 1400 metros de altitude, onde a minha rede de telemóvel não tinha – como descobri já lá – cobertura? Como seria? Suportaria a constatação da nossa insuperável pequenez, da fragilidade da modernidade, da ilusão do controlo do espaço e do tempo? E isto para já não falar em situações mais sérias, como um cataclismo natural, um ataque grave, uma falha informática, um vulcão em erupção ou outra revolta da natureza, um botão mal teclado, et cetera. Inconcebível? Talvez. Pequeno e frágil? Sem dúvida.

Advogado. Escreve ao sábado



Falhou apenas o clima e a rota do avião não pôde cumprir-se

DAZZLE CALENDULA